

O CORPO NA CAPOEIRA: A PERCEPÇÃO DE JOVENS DO GRUPO DE CAPOEIRA ESCAMBO

Rafael Valladão¹
Thais Vianna Maia²

RESUMO

O objetivo do estudo foi pesquisar, analisar e interpretar como jovens capoeiristas entre 14 e 23 anos, do Grupo de Capoeira Escambo, de Bangu, Rio de Janeiro, RJ, percebem os corpos dos seus colegas, do seu contramestre e os seus próprios. Os temas abordados por estes nas entrevistas foram: a necessidade de se buscar um corpo com forma ideal; o entendimento do corpo como expressão de uma cultura historicamente construída; a capoeira como promoção de saúde para o corpo; e a compreensão de corpo na capoeira como *performance* esportiva.

PALAVRAS-CHAVE: Capoeira. Corpo. Padrões estéticos. Grupo Escambo.

THE BODY IN CAPOEIRA: THE PERCEPTION OF YOUNG PEOPLE FROM THE CAPOEIRA ESCAMBO GROUP

ABSTRACT

The aim of the study was to analyze, analyze and interpret young capoeiristas between the ages of 14 and 23, the capoeira Escobar Group of Bangu, Rio de Janeiro, RJ, the leaders of their colleagues, their own master and their own. The themes addressed by these interviews were: the need to seek a body with an ideal shape; the understanding of the body as an expression of a historically constructed culture; capoeira as a health promotion for the body; and the understanding of the body in capoeira as a sporting performance.

KEYWORDS: Capoeira. Body. Aesthetic Standards. Escambo group.

INTRODUÇÃO: DA CRIMINALIZAÇÃO AO DIREITO À CAPOEIRA

Havia já no final do século XIX e início do século XX, grupos de capoeira que se organizavam no Rio de Janeiro, nas chamadas maltas. Entre as maltas que mais se destacavam

¹Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: rafaelvalladao1@gmail.com

²Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação (ProPEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: thaisviannamaia@gmail.com

estavam a dos Nagos, associados ao partido dos monarquistas conservadores. E os Guaiamuns, associados ao partido dos liberais republicanos, como afirmam Mello (2008) e Magalhães (2009).

A capoeira neste período era uma importante arma de disputa territorial, entre liberais e conservadores, onde eram praticados os mais variados atos de desordem e violência, a serviço de interesses políticos de ambos os grupos. De certa forma, estes capoeiristas não se marginalizavam tanto ao passo que se submetiam ao interesse desses grupos políticos.

A malta dos Guaiamuns dominava o centro da cidade do Rio de Janeiro, e por outro lado o dos Nagos controlava as periferias ao redor do centro. Anteriormente a época da proclamação da república brasileira, que ocorreu em 1888, surgiu a malta de capoeira denominada Guarda Negra. Essa organização, constituída em sua maioria por negros escravizados libertos, tinha o objetivo de proteger a integridade da princesa Isabel, e combater o levante republicano que ameaçava o Império. Os capoeiristas militantes da Guarda Negra se tornaram conhecidos pelas muitas batalhas promovidas contra os Nagos e Guaiamuns.

Apesar de a princesa Isabel ter idealizado alguns projetos para ressarcir ex-escravizados, com indenizações e pequenas propriedades, pelos danos causados pela escravidão, muitos historiadores divergem sobre essa suposta benevolência. De acordo com Carvalho (2001), os principais motivos para a assinatura da Lei Áurea, pela princesa, que poria fim a escravidão no Brasil, em discordância do entendimento equivocado ensinado em grande parte das escolas do país, foram:

- 1) A escravidão limitava o desenvolvimento econômico do Brasil;
- 2) As numerosas rebeliões, fugas e formações de assentamentos de escravizados evadidos das fazendas – os chamados quilombos;
- 3) A pressão internacional por parte de países que já haviam aprovado leis que proibiam a escravidão.

O mestre de capoeira Toni Vargas, do Grupo Senzala de Capoeira, fez uma composição que ilustra bem esse entendimento:

*Dona Isabel que história é essa
Dona Isabel que história é essa, de ter feito abolição...
De ser princesa boazinha, que libertou a escravidão...
Eu tô cansado de conversa, tô cansado de ilusão...
Abolição se fez com sangue, que inundava este país;
Que o negro transformou em luta, cansado de ser infeliz;
Abolição se fez bem antes, e ainda há por si, fazer agora...*

*Com a verdade da favela, e não com a mentira da escola
Dona Isabel chegou a hora, de se acabar com essa maldade;
De se ensinar aos nossos filhos, o quanto custa a liberdade...
Viva Zumbi nosso rei negro, que fez-se herói lá em Palmares...
Viva a cultura desse povo, a liberdade verdadeira...
Que já corria nos Quilombos, e já jogava capoeira
Iê viva Zumbi
Iê viva Zumbi camará
Iê rei de Palmares
Iê rei de Palmares camará
Iê libertador
Iê libertador camará...
(música: Dona Isabel – composição: mestre Toni Vargas)
Fonte: (VALLADÃO, 2012)*

Ao final da música, o mestre Toni Vargas, concordando com Carvalho (2001), também atribui o motivo da libertação dos escravizados às revoltas e fugas dos negros para os quilombos, que teve sua principal liderança a figura de Zumbi dos Palmares. Além de deixar o entendimento (subjetivamente) de que a capoeira teve grande importância nesse processo de abolição: “A liberdade verdadeira que já corria nos Quilombos e já jogava capoeira...”. Porém, como supracitado, a abolição teve diversas motivações políticas.

De acordo com Mello (2002), as questões políticas eram somente algumas das razões para a existência das maltas de capoeiristas. Para o autor a ocorrência constante de violência e desordem pública, é o que destacou as maltas de capoeiristas e as constantes disputas territoriais com os grupos rivais. Todo esse histórico inflamou a perseguição do governo recém-formado por militares republicanos, tornando-os os principais alvos da polícia naquele período. Havia também um respaldo científico para a repressão, na teoria da evolução de Darwin, que afirmava que o negro era, supostamente, inferior ao branco (MELLO, 2002). Para Magalhães (2009) as motivações republicana sem promover uma marginalização das culturas negras, através de uma hierarquização racial, que afirmava o branco enquanto superior do ponto de vista intelectual em relação ao negro, tinha um falso condão de promoção da democracia racial.

A capoeira, o samba, o candomblé, além de diversas manifestações culturais de matrizes africanas, sofreram perseguições, no Rio de Janeiro, pela polícia com o argumento da moralização e de promoção da civilidade nas cidades, de inspiração higienista. Para a capoeira, de acordo com Mello (2002), incidia o agravamento em decorrência das desordens públicas, uma vez que os capoeiristas também portavam armas brancas nas ruas do Rio, além de outros instrumentos cortantes (VASSALO, 2003).

O corpo na capoeira foi, neste período, marcado, pelo governo, pela simbologia e construções históricas de agressividade e, por outro lado, de luta e resistência. Para Medina (2005), este se caracterizava por um “corpo-marginal”, que se encontrava na condição de oprimido pela classe dominante e se caracterizava por ter suas possibilidades existenciais desprovidas do trabalho, religião, educação, instrução, enfim, do gozo pleno da cidadania.

A capoeira se tornou crime de fato, com a aprovação do novo Código Penal, do governo republicano, no dia 11 de outubro de 1890. Neste constava, em um de seus capítulos, especificamente no XIII - Dos Vadios e Capoeiras - no artigo 402 e 404, a descrição do crime de “destreza corporal” denominado “capoeiragem”, com penas que poderiam variar de dois meses a um ano de prisão (BRASIL, 1890).

Sampaio Ferraz, bacharel, inaugurou um período de caça aos capoeiristas, diminuindo drasticamente o quantitativo de praticantes, no Rio de Janeiro, quase proporcionando a extinção da capoeira na cidade. Na época foi indicado e nomeado a chefe de polícia do governo republicano, pelo então presidente Marechal Deodoro da Fonseca (MELLO, 2008).

Levamos o questionamento quanto a real justiça, dentro de uma perspectiva legal, a respeito da criminalização da capoeira, e a consequente marginalização do corpo de seus praticantes, neste período da história brasileira. Se aqueles capoeiristas seriam realmente discriminados pela sociedade e considerados subversivos. E se as maltas não seriam um movimento de luta pela sua cultura e de resistência, ao governo republicano, ao invés de grupos criminosos. Santos (2002) concorda que a constituição das maltas, no transcurso da história, foi uma maneira de sobreviver e sublevar a ordem constituída, na forma de protestos e por condições de vida degradantes impostas aos negros.

Em 1930, com a revolução de que depôs o presidente Washington Luís, pondo fim à República Velha (ou Primeira República), Getúlio Vargas assume a presidência da república e inicia um período de valorização de toda a cultura nacional. A capoeira migraria de crime ao direito de prática.

O corpo do capoeirista era então ressignificado, abandonando a ótica da desordem, de crime, de corpo-marginal e de violência, pela sociedade. Mello (2002) aponta o início de uma “esportização” da prática da capoeira, no período de 1930, visto a necessidade de “desafricanizá-la” pela visão da valorização da classe dominante. Para o contexto político do período era necessário transformá-la em esporte, em uma tendência de Educação Física militarista, de acordo com Guiraldelli Júnior (2007), para a preparação dos indivíduos para a batalha, para guerra, tornando-os “fortes”, incentivando o heroísmo, disciplina, coragem e a

obediência sem questionamentos. Assim, os movimentos dessa nova política tiveram o objetivo de tornar legítimo o Estado frente à sociedade, criando uma espécie de “identidade nacional”, que também faria da capoeira um meio para este fim.

Neste contexto, dois atores sociais se mostraram de suma importância para a história da capoeira: mestre Bimba e Pastinha, criadores da capoeira regional e a angola respectivamente.

From the 1930s onward, the development of different modern styles generated even more heated controversies around the figures of their two founding fathers, the mestres (teacher, master) Bimba and Pastinha. Two conflicting master narratives again support divergent interpretations of the meaning of their innovations and, more generally, the modernization of cultural forms. (ASSUNÇÃO, 2005, p. 3)

De acordo com Silva (2003), a capoeira angola de Pastinha é tida, por muitos, como a maneira tradicional de se jogar capoeira. Esta prática, afro-brasileira, seria mais aproximada das práticas quilombolas, de movimentos mais lentos e floreios próximos do chão. A capoeira angola surgiu antes da regional, para Silva (2003), com os negros escravizados no período colonial. Por outro lado, a capoeira regional, que se difere em muitos aspectos da angola, tem íntima relação com modelos de adestramento do corpo, de desempenho técnico, incorporando floreios mais acrobáticos e golpes marciais mais complexos de outras lutas. A organização do processo de ensino-aprendizado na capoeira regional, proporcionada por Bimba e entendida, por Silva (2003), como apropriação capitalista por ser composta de conceitos como “curso de capoeira”, “especialização”, “formatura”, “batizado”, “hierarquia” (pp. 71-72). Para o mesmo autor, o mestre Bimba ainda estaria promovendo uma mudança de valores na capoeira, com intuito de retirar o estereótipo de vadio e marginal do capoeirista, criando uma série de regras:

1. Deixe de fumar. É proibido fumar durante os treinos. 2. Deixe de beber: o uso do álcool prejudica o metabolismo muscular. 3. Evite demonstrar aos seus amigos de fora da ‘roda’ de Capoeira os seus progressos. Lembre-se de que a surpresa é a melhor aliada numa luta. 4. Evite conversar durante o treino. Você está pagando o tempo que passa na academia; e observando os outros lutadores, aprenderá mais. 5. Procure gingar sempre. 6. Pratique diariamente os exercícios fundamentais. 7. Não tenha medo de se aproximar do oponente. Quando mais próximo se mantiver, melhor aprenderá. 8. Conserve o corpo relaxado. 9. É melhor apanhar na ‘roda’ que na ‘rua’.
(SILVA, 2003, p. 73)

Durante o curso de pós-graduação, em nível de mestrado, acabei me tornando também capoeirista, no ano de 2010. Na maioria dos treinos, ao final, costuma ocorrer uma roda de capoeira nos últimos quinze minutos, para que possamos jogar entre nós. Os colegas capoeiristas habitualmente filmam para observarem sua evolução. Sempre peço o vídeo gravado e é comum ouvir a frase “você não pode vender o segredo do nosso treino para outro grupo”. De certo que o tom é de brincadeira, mas é interessante notar que, depois de quase uma década, as regras de Mestre Bimba ainda se fazem tão presente no universo da capoeira, com os “amigos de fora da roda” e “surpresa” ser “a melhor aliada numa luta”. O nosso mestre de capoeira também orienta o mesmo e que não devemos revelar as nuances de nosso treinamento aos de fora.

Em 1932 Bimba inaugurou aquela que seria a primeira academia de capoeira do Brasil: “Academia-Escola de Capoeira Regional”, que se localizava no bairro Engenho Velho de Brotas, na cidade de Salvador, na Bahia (D’OLIVEIRA; PEREIRA, 2010). Para D’Oliveira e Pereira (2010), a capoeira foi descriminalizada no ano de 1934. Porém, Paiva (2007) discorda e afirma que a retirada da ilegalidade ocorre, na verdade, em 1937, atendendo a interesses políticos do presidente Getúlio Vargas. Entre as novas regras e normas, estava a de que esta só poderia ter sua prática em ambiente fechado e não mais nas ruas. O objetivo era atender os anseios de tornar a capoeira um esporte.

No dia 23 de junho de 1953, Mestre Bimba faz uma apresentação de capoeira, no palácio do governo, e é cumprimentado por Getúlio Vargas (Figura 1), quando o então presidente pronuncia a conhecida frase: “A capoeira é o único esporte verdadeiramente nacional” (MELLO, 2002, p. 6).



Figura 1 - O presidente do Brasil, na época, Getúlio Vargas com Mestre Bimba da capoeira regional, na cerimônia de 1953. Fonte: (VALLADÃO, 2012)

A imagem celebra uma espécie de acordo, entre o governo que até então perseguia os capoeiristas e luta que foi por tanto tempo marginalizada. Mas, para Magalhães (2009), essa descriminalização da capoeira ocorreu unicamente “(...) pela forma que o governo encontrou de manter um controle implícito sobre as massas populares” (p. 125), e não por sua importância sociocultural.

No ano de 1941, o mestre Pastinha fundaria o Centro de Capoeira Angola, no Estado da Bahia. Estariam nesse momento consolidados os dois estilos principais da capoeira: angola e regional, que inspirariam a criação de novos grupos, formando diversos mestres até os dias atuais.

Em seu estudo, Vassalo (2003) menciona a fala de Pastinha, quando o mestre afirma que o processo de moralização da capoeira e de retirada desta da rua foi sua obra, e não a de Bimba. Sem entrar no mérito dessa questão, menos ainda com a pretensão de respondê-la, me ative a demonstrar a importância de ambos os mestres para a descriminalização e valorização da capoeira. Nesse sentido, o objetivo desse estudo foi realizar um breve panorama histórico da capoeira e posteriormente observar, analisar e descrever a percepção de capoeiristas e do contramestre do Grupo de Capoeira Escambo sobre o corpo.

METODOLOGIA

O estudo foi realizado com natureza etnográfica, qualitativa e descritiva. Com esta abordagem procurei analisar, interpretar e descrever a percepção de jovens capoeiristas e do contramestre, do Grupo Escambo de Capoeira sobre o corpo. Participaram deste estudo cinco jovens capoeiristas entre 14 e 23 anos, seu instrutor de 51 anos (também considerado aluno) e seu contramestre de 34 anos. O grupo de capoeira está sediado no bairro de Bangu, na cidade do Rio de Janeiro. Este grupo foi selecionado através de contatos pessoais.

Para a coleta de dados utilizei um roteiro de entrevista, com perguntas semi-estruturadas que, como afirma Darido (2003), estimula o entrevistado a falar mais durante a entrevista o entrevistador, apesar deste segundo ser quem orientada o diálogo. Essa metodologia possibilita que o entrevistador possa repetir a pergunta, reformular ou formular outras novas, enquanto a entrevista ocorre, caso julgue conveniente, pois em alguns casos pode ocorrer das questões não serem respondidas da maneira esperada. Isto pode ocorrer

incompreensão ou ocorrências no momento da entrevista, como: “timidez, ansiedade, não entendimento da questão, entre outros fatores.” (DARIDO, 2003)

As perguntas do roteiro de entrevista foram divididas em três blocos da seguinte maneira:

1. Questões gerais: realizadas as mesmas perguntas abertas, tanto para o contramestre como para os alunos;
2. Questões específicas para capoeiristas e Perguntas específicas para contramestre: realizadas perguntas abertas e distintas para o contramestre e para os alunos;
3. Questões livres: realizadas perguntas abertas, elaboradas no momento da entrevista, tanto para os alunos, como para o contramestre.

As entrevistas com este grupo ocorreram em dois dias, onde também tive a oportunidade de observar duas aulas ministradas pelo contramestre e o instrutor. As repostas às questões foram registradas em dois aparelhos: um de MP3 e outro celular smartphone, onde foram num segundo momento transcritas para discussão dos resultados obtidos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O antropólogo Stéphane Malysse (2007), desenvolveu um estudo etnográfico a respeito da adoração ao corpo ou “corpolatria”, na cidade do Rio de Janeiro, revelando particularidades de uma cultura corporal específica do carioca. Essas particularidades do carioca, estudadas por Malysse (2007), vão de encontro aos anseios e percepções dos capoeiristas, do Grupo de Capoeira Escambo, a respeito de seus próprios corpos. Cinco capoeiristas entrevistados, o instrutor e também o contramestre, se remeteram, ao responder, a algum tipo de padrão de corporal. Entre estes: a necessidade de emagrecer, ser tornar mais flexível, “definir o corpo” e obter aumento da musculatura que na opinião deles poderiam ser consequências dos treinos de capoeira (SABINO, 2007).

Um jovem do grupo, com idade 14 anos, relatou o que o motivou a iniciar a prática da capoeira foi sua vontade de emagrecer. E que atualmente é muito elogiado por ter conseguido perder peso. Entre as jovens, uma de 15 anos outra 23 anos, também enalteceram sua perda de peso como a principal alteração que seus corpos sofreram com o início dos treinos.

Para Malysse (2007), cria-se a necessidade da “boa forma”, de um corpo magro, “ideal” que deve ser conquistado de qualquer forma para ser bem visto aos olhos dos outros indivíduos. De acordo com o autor, no ambiente das academias de ginástica há, na maioria

das vezes, uma espécie de interação entre corpos, para aquisição desses objetivos mais estéticos do que esportivos. Menos ainda os que preconizam a saúde e a qualidade de vida. Malysse (2007), também demonstra como a mídia pode influenciar para criar o “corpo virtual”, ditando regras, normas e padrões para o “corpo perfeito”, através da televisão e, principalmente, pelas redes sociais na atualidade. Ainda que completamente saudável este corpo precisa malhar, emagrecer, definir.

Quando questionados sobre suas impressões a respeito dos corpos dos colegas após começarem a treinar, um capoeirista de 19 anos destacou o emagrecimento, a “perda da barriga”, do seu amigo. E o fato de ter sido “gordo” e ter ficado “magro”. O mesmo capoeirista me contou que ganhou “mais músculo”, depois de iniciar a capoeira. Havia um tom de orgulho ao falar dessa sua conquista.

Para Malysse (2007), a corpolatria no Rio de Janeiro, a obsessão pelo “corpo ideal” se assemelha muito ao fanatismo religioso. Onde os praticantes de musculação, por exemplo, discriminam não praticantes. Esse preconceito, aparentemente, também ocorreu na falado capoeirista de 19 anos supracitado ao falar de seu amigo que emagreceu na capoeira. O tom da fala foi irônico e com sorrisos quando se referiu a “perda da barriga”.

No caso dos capoeiristas, do Grupo Escambo, ter um corpo magro parece não ser uma boa coisa. Um jovem de 23 anos contou que antes de entrar para capoeira seu corpo era “raquítico”, e após “definiu mais abdômen, peito, perna”. Ao final da entrevista o jovem destaca seus objetivos, em relação ao seu corpo, na capoeira: “o que eu quero agora é engordar e definir mais o corpo.” Este “engordar” e “definir” podem ser interpretados como aumento de massa muscular. Essa preocupação com uma “muscularidade” pode levar ao uso de anabolizantes e outros hormônios, apesar de parecer não ser o caso deste jovem. A este respeito, Cesar Sabino (2007) descreve:

Essas muscularidade e magreza (baixo percentual de adiposidade, alta percentual de massa muscular) acabam sendo apresentadas, em nossa cultura, como sinais de positividade, levando número significativo de homens e mulheres adultos e adolescentes ao consumo, por vezes excessivo, de anabolizantes, outros hormônios e produtos em busca da forma física ideal, concebida como a chave para a aceitação e a ascensão social, enfim, para o sucesso. (p. 143)

Em contraponto a essa busca pelo corpo em forma na capoeira pelos integrantes do Grupo Escambo, a jovem de 23 anos, apesar de também ter destacado o emagrecimento como

benefício para seu corpo, deu uma verdadeira aula da história do corpo na capoeira. Esta me contou que a capoeira foi criminalizada em 1890, pelo então presidente Marechal Deodoro da Fonseca, e que os escravos, para continuarem jogando, sem serem presos, praticavam em terreiros de candomblé. Também me contou que o motivo da roupa branca e da associação atual com o candomblé, com a macumba vem deste período, entre outros relatos.

Segundo o Coletivo de Autores (1992) esta jovem estaria refletindo sobre conteúdos da Cultura Corporal, que são formas de representações do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história e, exteriorizando-as pela expressão corporal. Nesse caso em relação à prática da capoeira. A consciência da cultura corporal na capoeira, historicamente construída pelos escravos, expressa por ela (de forma não-acadêmica), me surpreendeu. O instrutor do grupo, de 51 anos, também revelou conhecimentos referentes a este respeito.

Quando perguntado sobre mudanças percebidas no corpo de seus colegas, o instrutor, de 51 anos, cita o corpo das “meninas gordinhas” que agora tem um corpo mais “esbelto”. Cita também o corpo de sua filha, colega na capoeira, que para ele é magra e agora está com o “corpo mais definido”. O instrutor, jovem de 23 e o contramestre foram os únicos a pensarem a capoeira como uma possibilidade profilática.

Sobre o contramestre pode-se dizer que suas respostas formam um conjunto das respostas de todos os seus alunos. No que diz respeito ao entendimento do corpo numa perspectiva cultural, foi o fato de o contramestre ter citado Zumbi dos Palmares como um personagem importante para a capoeira, apesar de admitir que não há provas que apontem Zumbi como um capoeirista. Cabe questionar: essa não seria uma forma, por parte do contramestre, de conectar a Capoeira a um importante nome da história brasileira, a fim de valorizá-la?

Outro tema abordado pelo contramestre foi a questão da necessidade do treinamento desportivo para um melhor desempenho na capoeira:

(...) treinando fica melhor ainda, mas se você não treinar mesmo assim sai os movimentos porque está no seu corpo. Por exemplo, um ‘AU’, quando você tinha 5 anos, você com 60 anos continua fazendo o ‘AU’, é a mesma coisa. Só se a pessoa parar por 10 anos, mais ou menos... creio eu que mesmo assim não consiga esquecer. O corpo está acostumado, só fica enferrujado, mas continua a mesma coisa. (Fala do contramestre do Grupo Escambo de Capoeira)

A idéia de corpo “enferrujado” parece remeter à compreensão de René Descartes (1637) de “corpo-máquina” que limita a capoeira ao prisma das ciências naturais. Esta separação entre

corpo e mente no Esporte, segundo Guiraldelli Júnior (2007), predominou no Brasil na época da ditadura militar onde a *performance* esportiva eram extremamente valorizada.

CONCLUSÃO

Os pontos principais mencionados pelos capoeiristas e o seu contramestre, nas respostas aos questionamentos, foram: 1) a luta incessante por um “corpo ideal”, magro, para as mulheres e musculoso para os homens; 2) a percepção de um corpo histórico forjado pela cultura adquirida desde o nascimento; 3) a possibilidade de proporcionar saúde e qualidade de vida ao corpo, através da capoeira. O terceiro ponto foi, certamente, a menor preocupação dos capoeiristas em relação ao seu corpo. A questão de se buscar a *performance* na capoeira, dentro de uma ótica mais esportiva, foi mencionada unicamente pelo contramestre do grupo.

Concluimos, portanto, que num entendimento de corpo como sujeito, ao invés de objeto, o contramestre influencia seus alunos, na medida em que grande parte das respostas obtidas se assemelha a deste. Que a percepção de corpo, dos capoeiristas e contramestre, está mais associado a uma perspectiva biologicista de *performance* e padrões estéticos e “saúde” do que da sociológica, histórica e cultural. E que a mídia e as redes sociais são algumas das responsáveis por criar padrões estéticos, muitas vezes inalcançáveis, gerando insegurança, ansiedade e até doenças a muitos jovens cariocas. Longe de querer esgotar o tema, recomendo que este estudo seja aprofundado e contribua para combater esses padrões estéticos que em nada tem a ver com saúde e qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, M. R. **Capoeira**: The History of an Afro-Brazilian Martial Art. London and New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2005.

BRASIL. Congresso. Senado. Decreto n. 847, de 11 de outubro de 1890. **Promulga o Código Penal**. Senado Federal - Subsecretaria de Informações, Brasília. 1890.

CARVALHO, J. Princesa Isabel e a ideologia do branqueamento: Zumbi dos Palmares e o Movimento Negro. Ano I - Nº 02 - Bimensal - PR, Maringá, **Revista Urutágua**. Retrieved Set, 16, 2001.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

D'OLIVEIRA, V.;PEREIRA, L.**Grupo de Capoeira Porto da Barra:** mulheres do porto. Set, 16, 2010.

DARIDO, S. C.**Educação Física na escola:** questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

DESCARTES, R. **Discurso do método.** Porto Alegre: L&PM, 1637.

GUIRALDELLI JÚNIOR, P.**Educação Física Progressista:** A Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira. (10. ed.) São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MAGALHÃES, J. R. As origens da capoeira no brasil. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais.** 1(1), 2009.

MALYSSE, S.Em busca dos (H)alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca.*In:* Goldemberg, Mirian (org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** (2. ed.) Rio de Janeiro: Record, 2007.

MEDINA, J. P. S.**O brasileiro e seu corpo:**educação e política do corpo. (10. ed.) São Paulo: Papirus, 2005.

MELLO, A. da S.**A história da capoeira:** pressuposto para uma abordagem na perspectiva da cultura corporal. *In:* VIII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança., 2002/ Ponta Grossa/PR. As ciências sociais e a história da educação física, esporte, lazer e dança. Ponta Grossa/PR: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2002.

MELLO, D. F. de; SILVA, M. M. e.A capoeira no contexto do estado novo: civilização ou barbárie? **Movimento & Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, SP, (Vol. 9, n. 13, Jul./Dez) 2008.

PAIVA, I. P. de.**A capoeira e os mestres.** (Doutorado) Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, 2007.

SABINO, C.Anabolizantes: Drogas de Apolo. *In:* Goldemberg, M. (org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.**(2. ed.) Rio de Janeiro: Record, 2007.

SANTOS, J. M. P. dos.**Contribuição da Capoeira para a Identidade Cultural Brasileira.** (Mestrado)Rio de Janeiro: Universidade Castelo Branco. Programa de Pós-graduação Strictu-Sensu em Ciência da Motricidade Humana, 2002.

SILVA, J. M. F. da.**A Linguagem do Corpo na Capoeira.** Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

VALLADÃO, R. **Saberes do corpo:** capoeira, cultura corporal e educação. (Mestrado) Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação Strictu-Sensu em Educação. 2012.

VASSALO, S. P.Capoeiras e intelectuais: a construção coletiva da capoeira "autêntica". **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro (Vol. 32), 2003.